

## A CRIANÇA NEGRA, UMA CRIANÇA E NEGRA.

Anete Abramowicz,  
Fabiana de Oliveira  
Tatiane Cosentino Rodrigues

### Resumo

Este artigo analisou as pesquisas publicadas em periódicos da educação e em livros em relação à criança negra realizadas durante os anos de 2000 a 2007. A partir desta síntese apresentamos neste artigo, uma proposta de classificação do estágio atual de desenvolvimento destas pesquisas no Brasil apresentando uma possibilidade teórica de pensar essa produção a partir de duas categorias. Denominamos *a criança negra* como aquela que, de certa forma, faz parte da **primeira fase** das pesquisas realizadas sobre este tema e denominamos *uma criança e negra* como uma proposta de **segunda fase** das pesquisas. A criança negra corresponde a um momento da pesquisa sobre raça que denunciava o racismo existente na escola, na sociedade e que estava expresso nos indicadores econômicos e educacionais de todos os níveis de ensino. As pesquisas desta primeira fase demonstraram que raça é uma categoria analítica e deste modo, não deriva de nenhuma outra instância, seja ela econômica, por exemplo, que a determine. O uso do artigo *a*, desta primeira fase, refere-se à idéia de que as crianças negras, de maneira geral, nas pesquisas foram pensadas de maneira universal como todas as crianças negras. Propomos um segundo momento para as pesquisas: uma infância e negra, no rastro do pensamento de Stuart Hall. Este momento não só centrado em denúncias, mas nas possibilidades de inversão e de produção de outras coisas sob a chave do negro, daquilo que ele difere e faz diferir.

Palavras Chaves: Diferença, Infância Negra, Raça.

### Contextualizando a Pesquisa

A partir de uma síntese das pesquisas elaboradas e publicadas sobre a criança negra, apresentamos neste artigo, uma proposta de classificação do estágio atual de desenvolvimento destas pesquisas no Brasil apresentando uma possibilidade teórica de pensar essa produção a partir de duas categorias.

Denominamos *a criança negra* como aquela que, de certa forma, faz parte da **primeira fase** das pesquisas realizadas sobre este tema e denominamos *uma criança e negra* como uma proposta de **segunda fase** das pesquisas. A criança negra corresponde a um momento da pesquisa sobre raça que denunciava o racismo existente na escola, na sociedade e que estava expresso nos indicadores econômicos e educacionais de todos os níveis de ensino. As pesquisas desta primeira fase demonstraram que raça é uma categoria explicativa e deste modo, não deriva de nenhuma outra instância, seja ela econômica, por exemplo, que a determine. Ou seja, trabalhar no interior da temática da diferença é um esforço teórico de tornar possível pensar raça, gênero, classe social, sem derivá-las em uma instância determinante. No entanto, trabalhar no interior da

temática raça traz o problema recorrente do essencialismo que torna “natural” e “inato”, algo histórico, cultural e social. São algumas questões que atravessam as pesquisas sobre diferença que procuraremos discutir ao pensar a infância.

O uso do artigo *a*, desta primeira fase, refere-se à idéia de que as crianças negras, de maneira geral, nas pesquisas foram pensadas de maneira universal como todas as crianças negras.

Pudemos observar, em relação a esta primeira fase, que os trabalhos aqui citados neste pequeno estado da arte tornaram visível a dimensão racial, já que a temática estava “nem oculta e nem visível”. Os trabalhos ao visibilizarem tal dimensão explicitam a perspectiva, que denominamos de denunciata e indicativa. Indicam processos racistas e ao fazê-lo, de certa maneira, os denunciam. Parte significativa dos trabalhos e pesquisas em educação foi desenvolvida com o intuito de mostrar e ao mesmo tempo tirar do silenciamento as práticas escolares racistas, que não são poucas, há uma mecânica racista que funciona em toda a engrenagem escolar.

Há um trabalho que indicamos como estando na fronteira entre a primeira e a segunda fase das pesquisas sobre criança negra que pretendemos destacar, pois de alguma maneira ele se encontra na passagem da *criança negra* para uma *criança e negra*.

O trabalho foi realizado em uma creche por uma pesquisadora negra, Fabiana de Oliveira, na sala do berçário, e descrevia as formas pelas quais as educadoras tratavam os bebês negros. A dissertação apontava a diferença de cuidado dado aos bebês, quando a criança era negra, esta ficava pouquíssimo tempo no colo das professoras, diferentemente da criança branca e ao mesmo tempo, ocorria uma forma pejorativa de chamar estas crianças, cada criança negra era acompanhada de algum apelido. Esta dissertação em sua primeira parte vai ao encontro das inúmeras pesquisas que vêm sendo realizadas neste caráter que chamaremos de denúncia, ou faz parte do esforço que vem sendo realizado no sentido de tornar esta temática alvo legítimo de saber.

O que a segunda parte do trabalho mostra é a de que apesar das conseqüências negativas para o processo de subjetivação das crianças negras, ou seja, elas percebem que são tratadas de maneira diferenciada pelas professoras, elas não vão ao colo, por exemplo, podemos dizer que de alguma maneira, como um aspecto positivo, as crianças negras estariam livres deste tipo de “afeto” (ser carregada no colo, ser beijada por exemplo) que é quase um abraço de urso, pois acolhe e mata. Mata as crianças que não pertencem a uma ordem hegemônica de estética e saúde “dominante” a qual exclui os diferentes, mas também, mata àquelas crianças brancas pertencentes à ordem dominante do corpo, já que é um tipo de afeto desnecessário para o processo educativo, pois é realizado para diferenciar as crianças, é um abraço racista que ama a “si próprio”. Ou seja, pretendemos defender aqui a idéia de que o negro em sua positividade presente na diferença está livre para construir outras coisas, já que faz “fugir” (sempre algo escapa e/ou foge das organizações binárias, segundo Deleuze) ordens hegemônicas de saúde, estética cujo modelo é centrado no adulto branco, ocidental, heterossexual, é nesta fronteira que pretendemos fazer alguns apontamentos na direção de uma criança e negra.

A segunda fase denominamos uma criança e negra que é um esforço de tornar possível pensar raça<sup>1</sup>, gênero, sexualidade e classe social, como categorias

---

<sup>1</sup> Os movimentos sociais, especialmente o movimento negro brasileiro se reapropriou do conceito de raça, para além de qualquer conotação biológica e científica do termo, como uma maneira, ao mesmo tempo, de resistência e resposta ao processo de subalternização no qual os negros foram e são colocados nas hierarquias sociais e de trabalho e também como uma categoria sociológica e analítica de interpretação da realidade social.

“minoritárias”. Nesta fase há clareza da potência, da possibilidade e da inevitabilidade de atravessar a realidade social a partir da idéia de raça. O aditivo *e* tomamos emprestado de Stuart Hall. A utilização do aditivo foi construída a partir do trabalho de Stuart Hall (2003) que discute negro não como uma categoria essencializada, “da qual pensamos estar seguros, de que esta será mutuamente libertadora e progressista em todas as dimensões” (Hall, 2003, p.347). Quer dizer que o fato de ser negro não é por si só razão suficiente para se estar sob uma perspectiva digamos disruptiva que a perspectiva negra, carrega como possibilidade.

A idéia de uma criança negra refere-se à passagem de uma visão que pensa *a* criança para uma visão que vê *uma* criança. A criança: única e universal pra *uma* criança: impessoal, singular e múltipla.

No entanto, atrelado à categoria raça temos também a categoria infância, pois ambas possuem uma característica semelhante, pois conseguem fazer *devir* outra coisa as noções generalizantes e binarizantes de branco/preto e adulto/criança e, por isso, podem se configurar como uma potência micropolítica.

Apesar de ter claro que criança e infância são dois conceitos distintos, para este trabalho em que pretendemos discutir o aditivo *e*, ou seja, uma criança e negra tomaremos o conceito de infância e criança de maneira indistinta.

### Criança Negra

O estudo foi realizado a partir de um levantamento bibliográfico (via internet) sobre a produção científica elaborada a respeito da criança negra entre os anos de 1980 e 2007 utilizando textos que indicaram no título ou na abordagem envolvendo a categoria de análise criança negra.

Durante o levantamento bibliográfico tivemos mais facilidade em encontrar o tema em artigos de periódicos, mas também incluímos dissertações e alguns livros publicados. As fontes consultadas foram:

**Quadro 1 – Distribuição de trabalhos em periódicos, livros e dissertações**

Periódicos/Revistas/Livros/Dissertações	Número de artigos	%
Cadernos de Pesquisa	19	28,4%
Dissertações	13	19,4%
Livros	15	22,4%
Revista Brasileira de Educação	1	1,5%
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	1	1,5%
Revista Negro e Educação	8	11,9%
Revista Raça	1	1,5%
<b>Total</b>	<b>67</b>	<b>100,0%</b>

As crianças historicamente foram excluídas da história e suas vidas sempre foram contadas pelos adultos, no entanto, conhecemos a história do nascimento de uma determinada infância branca apresentado pelo historiador francês Phillipe Ariès. A

criança negra encontra-se em um mutismo maior em relação à criança branca que de alguma forma sempre foi retratada.

De forma geral, a criança negra tem sido apresentada pelas pesquisas a partir de um protótipo de infância na qual ela se caracteriza por uma baixa-estima, utiliza um equipamento de ensino que não acolhe a sua diferença, a sua particularidade cultural e que em diversas situações lhe impossibilita a permanência por se basear em um único modelo de indivíduo e de cultura. Essas pesquisas encontradas fazem a denúncia da clausura de sentido do qual a escola faz parte além de se constituir em um equipamento produtor e centralizador de sentidos e de produção hegemônica de modelos.

A escola é apresentada nas pesquisas como tendo uma base conservadora e excludente ao se pautar em um modelo de currículo que poderíamos denominar “embranchado” diante da ausência de conteúdos que possam contribuir para que os alunos negros se vejam contemplados e também o silêncio da equipe pedagógica a respeito das questões raciais.

Estudos têm mostrado que os alunos negros enfrentam dificuldades para permanecerem na escola, sendo os que apresentam as maiores taxas de evasão e repetência. As pesquisas têm concluído que o rendimento escolar da criança negra acaba sendo condicionado por processos intra-escolares, pois mesmo quando o nível sócio-econômico das famílias são equivalentes, ainda assim, os negros, muitas vezes, apresentam uma trajetória escolar diferenciada, ou seja, o sucesso do aluno negro é menor que dos alunos brancos na escola.

Até o momento tratamos desta temática abordando estudos referentes às séries iniciais do ensino fundamental, mas estes mesmos aspectos enfocados anteriormente podem ser encontrados desde a mais tenra idade com as crianças na educação infantil, como nos mostram algumas pesquisas e que nos fazem refletir sobre o nosso papel enquanto educadores, nossas concepções e crenças e o reflexo disso na construção da identidade das crianças negras.

Há um número reduzido de pesquisas no Brasil que analisaram a questão racial na creche (com crianças de 0 a 3 anos). As pesquisas realizadas apontam para a existência da problemática racial no espaço da educação infantil.

Podemos concluir que as crianças aos 4 anos de idade já passaram por processos de subjetivação que as levaram a concepções já tão arraigadas no nosso imaginário social sobre o branco e o negro e conseqüentemente sobre as positivities e negatividades atribuídas a um e outro grupo racial. No entanto, isso pode ser favorecido pela instituição a partir das concepções e valores das profissionais envolvidas com estas crianças e, também, é claro, a mídia que atua de forma ativa na veiculação e construção de imagens, idéias e ideais estéticos que acabam fortalecendo o grupo racial dos brancos e estigmatizando negativamente o grupo racial dos negros.

A cultura negra é silenciada na escola, um silêncio que corresponde à inexistência e não simplesmente ao ato de calar-se, omitir ou abafar, mas como uma maneira de não ver, de relegar, um ‘pacto’ que não deve ser quebrado, pois senão teríamos que refazer o currículo, refazer a escola. Diante disso, a escola reproduz um discurso baseado na igualdade de todos os seus alunos.

A partir desse discurso da igualdade, os agentes pedagógicos acabam acionando mecanismos de poder que fixam um modelo de sociedade e punem todos aqueles que dele desviam, mutilando a particularidade cultural do segmento da população negra brasileira, a partir de um ritual que se legitima na instituição escolar, não por aquilo que é dito, mas por tudo aquilo que silencia.

Desta forma, o que as pesquisas sugerem como uma ferramenta de combate ao racismo é que tal questão não continue sendo ocultada na instituição escolar, devendo

possibilitar um espaço permanente para discussão e reflexão de posturas racistas e preconceituosas visando à superação de estereótipos, estigmas e discriminações contra os negros que é tão presente no ambiente escolar.

Destacamos o artigo de Rosemberg e Rocha (2007) que de alguma forma corrobora com a nossa classificação ao mostrar que as pesquisas sobre as relações raciais têm se caracterizado como denúncia contra o racismo, conforme anunciamos como a primeira fase das pesquisas. Deste modo, o artigo das autoras pretende aprofundar o debate sobre classificação e denominação de cor/raça no Brasil contemporâneo, trazem para o debate a voz de crianças e adolescentes sobre a denominação de cor/raça entre alunos de escolas públicas paulistanas. Segundo as autoras o artigo produzido associa dois objetivos, o político: de dar voz e escutar a voz de crianças e adolescentes sobre a pertença racial e acadêmico: estender o conhecimento sobre o sistema de classificação racial para idades que em regra não são atingidas pelos inquéritos nacionais. Além disso, segundo as autoras a pesquisa realizada visa contribuir para o volume crescente de estudos sobre relações raciais no Brasil que dedicam pouca atenção às crianças e adolescentes, já que parte substantiva dos estudos sobre crianças negras, no Brasil preocupa-se com a *produção e reprodução de preconceito racial e seu impacto na construção de sua identidade racial* (2007: 771).

## **Uma Criança e Negra**

Essas pesquisas com suas respectivas contribuições vão compondo um objeto de estudo e de análise para a compreensão das relações inter-raciais e também para a formulação de propostas sobre formação de professores, material didático, formulação de currículos, formação/produção de políticas de Ação Afirmativa para o fortalecimento de uma sociedade plural, que leve em conta a diferença e conseqüentemente o enfrentamento e a superação do racismo. Isso favorece a formação de práticas de resistência para os negros, pois estes devem poder se olhar e afirmar a sua diferença.

Atrelado à raça temos também a categoria infância, estas duas categorias têm uma característica semelhante, podem alargar o campo de pensamento para além de dois pólos, para além das noções gerais e binárias de branco/preto e adulto/criança. Negro e infância diferem do modelo homogeneizante da figura molar por excelência e, por isso, podem se configurar como uma potência micropolítica.

Neste sentido, Deleuze nos fala do devir-criança enquanto uma linha molecular e minoritária<sup>2</sup>, não no sentido quantitativo, mas no sentido de uma força intensiva, de um movimento e de uma processualidade que pode trazer alguma novidade. Este devir que Deleuze caracteriza enquanto uma linha molecular pode vir a fazer fugir ordens hegemônicas seja discursiva ou não, bem como jeitos de ser e de viver, e ao mesmo tempo podem anunciar diferenças e outras coisas. O conceito de devir não é um conceito simples em Deleuze ele aparece em vários de seus textos, mas o que é interessante nesta idéia é que as crianças em seu devir que nada tem a ver com uma temporalidade cumulativa e linear, ou seja, que desembocaria em um vir-a-ser adulto tem um caráter disruptivo nas diferenças que anunciam, já que suas linguagens, seus sentidos, e suas estéticas estão mais separadas das teias de poder.

Devir-criança é uma linha que não se confunde com as crianças, pois alguns adultos também podem ser atravessados por este devir, pois como diz Deleuze... “savoir vieillir, n’est pas rester jeune, c’est extraire de son âge les particules, les vitesses et

---

<sup>2</sup> « Devenir minoritaire est une affaire politique et fait appel à tout un travail de puissance, a une micropolitique active. C’est le contraire de la macropolitique, et même de l’histoire, où il s’agit plutôt de savoir comment l’on va conquérir ou obtenir une majorité » (DELEUZE et GUATTARI., 1980, p.360)

lenteurs, les flux qui constituent la jeunesse de cet âge (Deleuze et Guattari, 1980, p. 340) . Deleuze diagrama dois devires o devir-mulher e o devir-criança: (...) il y a un devenir-femme, un devenir-enfant, qui ne ressemblent pas à la femme ou à l'enfant comme entités molaires bien distinctes (quoique la femme ou l'enfant puissent avoir des positions privilégiées possible, mais seulement possible, en fonction de tels devenirs (Deleuze et Guattari, 1980, p. 337). Podemos de alguma maneira pensar o devir como um acontecimento e como uma experiência.

Há vários autores da infância que de alguma maneira se referem a este devir quando falam da criança, “seu jeito desarrazoado”, um “devir-vagabundo” (Belloti, 1987), “suas criancérias” (Katz, 1999), “uma libido perversa-polimorfa” (Cambi e Olivieri, 1988), esta possibilidade de devir é uma potência da infância que vale a pena entender e aproveitar.

Kohan nesta mesma direção propõe um esforço filosófico no sentido de tirar a infância do lugar do sem, daqueles que tudo falta, os que não têm, os não habilitados, os incapazes, os infantis, os excluídos da ordem social. Ele em seu livro: *Infância, estrangeiridade e ignorância* (2007) faz um esforço de pensar a infância desde uma outra marca, coincidindo com a idéia de minoria de Deleuze, como força, afirmação, presença, digamos, positivamente. Neste esforço ele aproveita à idéia de pensar a infância na direção do filósofo italiano Giorgio Agamben, a infância como experiência, na sua relação com a linguagem e a História.

É neste sentido que Agamben diz que é a infância que se inscreve na linguagem, a aprendizagem da linguagem é um dispositivo da infância e não do adulto, “se abandonamos a infância, abandonamos também a possibilidade de entrar na linguagem, seja porque renunciamos a essa possibilidade, seja porque já estaremos dentro dela” (Kohan, 2007, p. 112). Dessa forma esta possibilidade teórica entende a infância como experiência que nada tem a ver com a idade, e o contrário da etimologia da palavra infância que significa: *sem - fala*, é a infância o primeiro momento da linguagem, e não outro. E seguindo este percurso filosófico afirmativo da infância aparece ao mesmo tempo a sua força: “a infância fala uma língua que não se escuta. A infância pronuncia uma palavra que não se entende. A infância pensa um pensamento que não se pensa”. Esta é à força da infância, a diferença, a estrangeirice, o devir.

Negro no interior deste pensamento também faz fugir determinadas ordens quando pensado como uma força minoritária, molecular, positiva e não essencialista. Esta possibilidade de pensamento poderia vir a compor um segundo momento das pesquisas sobre negro, não só centrada na denúncia. Mas nas possibilidades de inversão e de produção de outras coisas sob a clave do negro, daquilo que ele difere e faz diferir.

## **Bibliografia**

- ABRAMOWICZ A. et SILVERIO V. (2005) *Educação e diferença Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola*, Editora papirus.
- Áriès Ph.,(1973 [1960]). *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien régime*, Paris, Seuil.
- AFONSO L. (1995) « Gênero e Processo de Socialização em Creches Comunitárias », *in Cadernos de Pesquisa*, nº93.
- BELOTTI E. G. (1987) *Educar para a submissão*, Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, Vozes.
- CAMBI F. et ULIVIERI S. (1988) *História da Infância na Itália liberal*, Firenze, La Nuova Italia.
- CAMPOS JR Père João (1999) *A criança negra na escola*, São Paulo, Salesianas.
- CAVALLEIRO E. dos S. (2000) *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*, São Paulo, Contexto.

- DELEUZE, G. et GUATTARI, F. (1980) *Capitalisme et schizophrénie 2 : Mille plateaux*, Paris, Éditions Minuit.
- DELEUZE G. et GUATTARI F. (1996) *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, Rio de Janeiro, Editora 34, vol. 3.
- \_\_\_\_\_ (1997) « Devir-Intenso, Devir-Animal e Devir-Imperceptível », in \_\_\_\_\_ *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, São Paulo, Editora 34, vol. 4.
- GODOY E. A. (1996) *A representação étnica por crianças pré-escolar: um estudo à luz da teoria piagetiana*, Mémoire de maîtrise, Unicamp.
- GONÇALVES L. A. (1987) « Reflexão sobre a particularidade cultural na educação das crianças negras », in *Cadernos de Pesquisa*, n°63.
- GUSMÃO N. M. M. (1999) « Linguagem, Cultura e Alteridade: imagens do outro », in *Cadernos de Pesquisa*, n°107.
- GUIMARÃES A. S. (1999) *Racismo e anti-racismo no Brasil*, São Paulo, Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 34<sup>ème</sup> ed.
- HALL S. (2003) *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- HASENBALG C. A. (1987) « Desigualdades sociais e oportunidade educacional: a produção do fracasso », in *Cadernos de Pesquisa*, n°63.
- HASENBALG C. A. et SILVA N. do V. (1990) « Raça e oportunidades educacionais no Brasil », in *Cadernos de Pesquisa*, n°73.
- KAPPEL M. D. B., CARVALHO M. C. et KRAMER S. (2001) « Perfil das crianças de 0 a 6 anos que freqüentam creches, pré-escolas e escolas: uma análise dos resultados da Pesquisa sobre Padrões de Vida/IBGE », in *Revista Brasileira de Educação*, n°16.
- KATZ C.S. (1996) « Crianceria: O que é criança », in *Cadernos de Subjetividade*, Núcleo de Estudos e pesquisas da subjetividade do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-São Paulo.
- KOHAN W. O. (2007) *Infância, estranheiridade e ignorância: ensaios de filosofia*, Belo Horizonte, Autêntica.
- \_\_\_\_\_ (1992) *Dissertação de mestrado que utilizou informações de documentos de inventário "Salve 13 de maio?"*, Mémoire de maîtrise, PUC.
- OLIVEIRA F. de (2004) *Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial*, Mémoire de maîtrise, Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos.
- PEREIRA J. B. B. (1987) « A criança negra: identidade étnica e socialização », in *Cadernos de Pesquisa*, n°63.
- RAMOS L. H. da S. (2002) « Na margem negra do Rio: pesquisa numa escola do subúrbio carioca », in *Revista Negro e Educação*, n°2.
- ROCHA E. J. da et ROSEMBERG F. (2007) « Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as) », in *Cadernos de Pesquisa*, n°132.
- ROMÃO J. (2001) « O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro », in CAVALLEIRO, E. (dir.), *Racismo e anti-racismo na educação: repensando a escola*, São Paulo, Summus.
- ROSEMBERG F. (1987) « Relações raciais e rendimento escolar », in *Cadernos de Pesquisa*, n°63.
- \_\_\_\_\_ (1991) « Raça e educação inicial », in *Cadernos de Pesquisa*, n°77.
- SILVA C. A. da, BARROS F., HALPERN S. et SILVA L. A. D. (1997) « De como a escola participa da exclusão social: trajetórias de reprovação das crianças negras », in ABRAMOWICZ A. et MOLL J. *Para além do fracasso escolar*, Campinas, Papirus.
- SILVA C. D. (1995) *Negro, qual é o seu nome?* Belo Horizonte, Mazza Edições.

SILVA M. J. L. da (2000) « As artes e a diversidade étnico-cultural na escola básica », in MUNANGA K. (dir.) *Superando o racismo na escola*, Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental.

SILVA P. B. G. et MONTEIRO H. M. (2000) « Combate ao racismo e construção de identidades », in ABRAMOWICZ A. et MELLO R. R. (dir.) *Educação: Pesquisas e Práticas*, Campinas, Papirus.

SOUZA Y. C. de (2002) *Crianças negras: deixei meu coração embaixo da carteira*, Porto Alegre, Mediação.

TEODORO M. de L. (1987) « Identidade, cultura e educação », in *Cadernos de Pesquisa*, nº63.

THEODORO H. (2000) « Buscando Caminhos nas Tradições », in MUNANGA K. (dir.) *Superando o racismo na escola*, Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental.